

Uma hermenêutica do lugar: paisagem e arquitetura vernacular nos sertões

Nome: Jonas de Campos Azevedo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design – FAU-USP | E-mail: jonas.azevedo@usp.br

EIXO TEMÁTICO: (1) Fundamentos Teóricos e Metodológicos

Resumo: Procuro neste artigo uma interlocução entre um olhar da civilização universal e a arquitetura vernacular dos sertões. A partir da fenomenologia hermenêutica, o pensamento do “lugar” traz para essa investigação uma fundamentação teórica para a compreensão da relação entre arquitetura e paisagem. Essa relação está presente nos textos de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, que devem ser lidos como um documento ficcional e historiográfico para a compreensão da poética do lugar nos sertões. As fontes literárias apontam para o paradigma da fronteira como origem de um lugar, o espaço demarcado, capaz de representar as relações de pertencimento, isto é, a arquitetura como identidade e contexto, o significado de “ter lugar”. Na vastidão dos sertões é preciso buscar a relação de proximidade entre a arquitetura vernacular e a paisagem que forma sua região circundante. Trata-se de compreender os sertões como um lugar-mundo, seu caráter local e universal, onde o significado da construção é dado pelo aberto que contorna o espaço habitado. Pela espacialidade do aberto se apresenta o “pensamento-paisagem”, procurando trazer à tona a percepção do lugar como experiência sensível. A paisagem revela uma arquitetura do lugar, expressão do saber-fazer local. Resulta daí o entendimento dos vínculos telúricos da técnica, representando uma produção poética. O processo de modernização, por outro lado, determina o avanço da racionalização tecnológica, conduzindo a ruptura da relação entre ser humano, arquitetura e paisagem. A hermenêutica do lugar-sertão aponta para o desterro e o desencantamento da técnica.

Palavras-chave: lugar; paisagem; poética; sertão; técnica.

A HERMENEUTICS OF PLACE: LANDSCAPE AND VERNACULAR ARCHITECTURE IN THE SERTÕES

Abstract: In this article, I seek to establish a dialogue between a universal civilization perspective and the vernacular architecture of the sertões. Based on hermeneutic phenomenology, the thinking of the “place” brings to this investigation a theoretical foundation for understanding the relationship between architecture and landscape. This relationship is present in the texts of Euclides da Cunha and Guimarães Rosa, which should be read as a fictional and historiographical document for understanding the poetics of place in the sertões. Literary sources point to the paradigm of the frontier as the origin of a place, a demarcated space capable of representing relations of belonging, that is, architecture as identity and context, the meaning of “having a place”. In the vastness of the sertões, it is necessary to seek the relationship of proximity between vernacular architecture and the landscape that forms its surrounding region. It is about understanding the sertões as a place-world, its local and universal character, where the meaning of construction is given by the openness that surrounds the inhabited space. Through the spatiality of the open, “landscape-thought” emerges, seeking to bring to the light the perception of place as a sensitive experience. The landscape reveals the architecture of the place, an expression of local know-how. This results in the understanding of the telluric links of the technique, representing a poetic production. The modernization process, on the other hand, determines the advancement of technological rationalization, leading to the rupture of the relationship between human being, architecture and landscape. The hermeneutics of the place-sertão points to the exile and disenchantment of technique.

Keywords: place; landscape; poetic; sertão; technique.

UNA HERMENÉUTICA DEL LUGAR: PAISAJE Y ARQUITECTURA VERNÁCULA EN LOS SERTÕES

Resumen: En este artículo busco una interlocución entre una perspectiva de la civilización universal y la arquitectura vernácula de los sertões. Partiendo de la fenomenología hermenéutica, el pensamiento del “lugar” aporta a esta investigación una base teórica para comprender la relación entre arquitectura y paisaje. Esta relación está presente en los textos de Euclides da Cunha y Guimarães Rosa, que deben leerse como documentos tanto de ficción como historiográficos para comprender la poética del lugar en los sertões. Las fuentes literarias señalan el paradigma de la frontera como origen de un lugar, un espacio demarcado, capaz de representar las relaciones de pertenencia, es decir, la arquitectura como identidad y contexto, el significado de “tener un lugar”. En la vastedad de los sertões, es necesario buscar la relación de proximidad entre la arquitectura vernácula y el paisaje que conforma su región circundante. Se trata de entender los sertões como un “lugar-mundo”, su carácter local y universal, donde el significado de la construcción viene dado por el abierto que rodea el espacio habitado. A través de la espacialidad de lo abierto se presenta el “pensamiento-paisaje”, que busca sacar a la luz la percepción del lugar como experiencia sensible. El paisaje revela la arquitectura del lugar, expresión del saber hacer local. De ahí se deriva la comprensión de los vínculos telúricos de la técnica, que representan una producción poética. El proceso de modernización, por otra parte, determina el avance de la racionalización tecnológica, conduciendo a la ruptura de la relación entre el ser humano, la arquitectura y el paisaje. La hermenéutica del lugar-sertão apunta al destierro y al desencanto de la técnica.

Palabras clave: lugar; paisaje; poética; sertão; técnica.

INTRODUÇÃO

Entre os fundamentos teóricos e metodológicos que cercam a arquitetura vernacular aponta-se como uma lacuna nos estudos empíricos e para construção de novas hipóteses a ausência de uma compreensão sobre o fenômeno do “lugar”. A estruturação de uma fenomenologia hermenêutica do lugar abre a possibilidade de se questionar as bases teóricas e historiográficas da arquitetura vernacular. O caráter autóctone dessa arquitetura não depende de uma relação inteligível entre natureza e cultura, pois o conhecimento vernáculo caracteriza-se justamente pelo domínio do sensível. Propõe-se ver esse domínio pela relação entre arquitetura e paisagem, desvendando de que forma a fenomenologia hermenêutica do lugar pode se afirmar como um paradigma.

A reflexão deve ter como ponto partida o pensamento do lugar e sua dimensão para a teoria e a historiografia da arquitetura vernacular. Atravessando as relações entre ser humano e natureza, aponta-se como uma primeira forma de compreensão do lugar vernacular a ruptura entre o espaço existencial e o espaço lógico-matemático. O percurso analítico em questão guia-se pela interpretação da arquitetura vernacular como uma topologia da existência, fortemente marcada pela relação entre espaço e caráter, onde o habitar tem um sentido de orientação e identificação com o lugar.

O potencial fenomenológico da arquitetura vernacular vincula-se a capacidade de dar significado ao espaço habitado, construindo poeticamente um lugar específico. Nesse sentido objetiva-se questionar a percepção da arquitetura vernacular diante da paisagem circundante, para daí interpretar uma poética do lugar. A busca por um caráter telúrico na arquitetura vernacular nos levou a pesquisar a arquitetura dos sertões. Trata-se de compreender como a arquitetura dos sertões está amparada por um pensamento-paisagem, capaz de sustentar uma poética do lugar, construindo a relação entre o habitar e o poético.

Pensar a arquitetura sertaneja significa trazer uma poética do habitar que se mostra com profundidade em textos históricos e ficcionais, conforme procuramos analisar através dos escritos de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. O trabalho com as fontes literárias permite uma aproximação diante do imaginário e da poética dos sertões, desvendando a relação entre as formas de habitar, a arquitetura e a paisagem. O “lugar” torna-se o conceito-chave para uma aproximação com a arquitetura vernacular, sustentando a relação entre paisagem e arquitetura, o *corpus* documental e o sentido de pertencimento ou estranhamento. Tomando como eixo de análise a “arquitetura do lugar”, pretende-se compreender os fundamentos fenomenológicos do *topos* vernacular.

A arquitetura dos sertões não constitui aqui mero estudo de caso para servir de cenário a uma hipótese abstrata. Ao contrário, o que se propõe é pesquisar a arquitetura dos sertões como um estudo analítico da fenomenologia hermenêutica do lugar, isto é, buscar o diálogo entre fontes históricas e ficcionais e a fundamentação teórica da

fenomenologia hermenêutica. No entendimento de Jeff Malpas o conceito central a ser interpretado por uma fenomenologia hermenêutica seria a “facticidade”, uma vez que a topologia refere-se a um “estar-lá” concreto, desta forma o lugar não poderia ser compreendido alheio ao mundo em que se encontra.¹ O trabalho de interpretação da hermenêutica deve abrir acesso às vivências originárias de um determinado lugar, revelando o sentido que nelas se encobre. A fenomenologia do lugar, na esteira de Benedito Nunes, seria um “permitir ver o que se mostra” (NUNES, 2012, p.60).

Pensar a arquitetura dos sertões através da fenomenologia hermenêutica não é um esforço de “aplicar” uma determinada corrente filosófica. O que buscamos é uma ampla reflexão sobre a arquitetura vernacular atravessada pela questão do lugar. A pesquisa da arquitetura sertaneja deve traduzir a linguagem da arquitetura vernacular como uma “arquitetura do lugar”. Este é um conceito-chave que articula a relação entre terra e mundo, analisada aqui a partir da fenomenologia hermenêutica de Heidegger. Procuramos, em seguida, introduzir o imaginário do aberto nos sertões, e de que forma essa espacialidade atribui um significado ao habitar e à arquitetura do lugar. Por fim, o texto se propõe a pensar o sertão como um “lugar-mundo”, seu caráter local e universal, articulando arquitetura, paisagem e técnica.

A ARQUITETURA DO LUGAR ENTRE TERRA E MUNDO

A arquitetura do lugar torna-se um objeto de interpretação da fenomenologia hermenêutica. O conceito de “lugar”, em oposição à concepção moderna de espaço, evoca um caráter corpóreo, fazendo a tradução da paisagem em termos fenomenológicos, isto é, pensar a paisagem como o “entorno do mundo”.² Resulta como uma premissa fundamental deste conceito a correlação entre arquitetura e contexto, uma vez que o entorno do mundo cria uma determinada espacialidade a partir da unidade formada na lida cotidiana. A arquitetura vernacular, valendo-se da espacialidade construída por um lugar demarcado, articula-se a um determinado contexto para produzir o seu significado hermenêutico.

Nos sertões a articulação entre arquitetura e contexto é exemplar, pois o significado de cada construção somente possui um sentido a partir da conjuntura em que se encontra, jamais isoladamente ou a partir de si mesma. Os vínculos entre a construção vernacular e o lugar apontam qual o sentido da arquitetura sertaneja, em outras palavras, pensar a

¹ Segundo Jeff Malpas a facticidade de um lugar refere-se a forma como um “estar-lá” torna-se um dado empírico, temporalmente localizado. Portanto a existência de um lugar não se separa deste “lá” tampouco aparta-se do mundo em que se encontra. Cf. Jeff Malpas. *Heidegger's topology: being, place, world*. Cambridge: MIT Press, 2006, p.51.

² Lígia Saramago analisa o “entorno do mundo” como uma ampla reflexão sobre o lugar, envolvendo a arquitetura, a paisagem, o sagrado, a arte e a técnica. Cf. Lígia Saramago. *A Topologia do Ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008, p.193-194.

relação entre uma casa rural e seu contexto exige a compreensão da relação íntima entre arquitetura e paisagem. Nessa mediação há um sentido de disponibilidade na arquitetura dos sertões, onde cada construção traz consigo uma camada particular da paisagem circundante, reunindo a história, a técnica, a produção poética e os artefatos da cultura material.

O olhar da fenomenologia hermenêutica para a arquitetura vernacular está estruturado a partir das relações contextuais que, inseridas na paisagem, buscam os fenômenos concretos da vida cotidiana. O imaginário dos sertões abre-se fortemente a tal dimensão empírica, acenando para um trânsito permanente entre matéria e símbolo. Pode-se afirmar que, nos sertões, a fenomenologia reconcilia-se com o empirismo, criando o domínio do sensível a partir das formas imanentes de habitar. Deste ponto de vista a arquitetura dos sertões seria, nos termos de Christian Norberg-Schulz, a expressão de um “fenômeno qualitativo total” (NORBERG-SCHULZ, 2013, p.444). Os fenômenos concretos que cercam a arquitetura sertaneja são o próprio fundamento de seus conteúdos simbólicos, onde os rios, as veredas, as pontes, as galas vegetais desenham o espaço vivido do ser humano que ali habita.

Os fenômenos concretos da arquitetura dos sertões remetem a compreensão inicial do local da construção. É a partir de um lugar construído, manifestando sua qualidade ambiental, que se compreende a percepção do sertanejo diante da estrutura da natureza que rodeia sua arquitetura. A fenomenologia do lugar, a partir da percepção do ser humano em face da natureza, estabelece uma forma tectônica para sua arquitetura, em outros termos, o detalhe construtivo revela o lugar e manifesta sua qualidade peculiar. O vínculo entre fenomenologia e tectônica deixa ver os atributos sensoriais dos materiais. Na trama dos sertões a natureza sensorial dos materiais forma uma expressão poética do habitar.

A poesia, em sua relação com a arquitetura vernacular, não deve ser pensada como uma forma abstrata, alheia a um “aqui concreto” conforme escreve Jeff Malpas.³ Ao contrário, a poesia é o que permite ao ser humano habitar a terra, criando vínculos de pertencimento. Na topologia de Heidegger esta relação torna-se explícita: “A poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que primeiro traz o homem para terra, para ela, e assim o traz para um habitar” (HEIDEGGER, 2012, p.169).

A forma poética de habitar, a que Heidegger faz alusão, não se resume, todavia, aos aspectos materiais de uma residência poética. De outra forma, o que está em questão é o entrelaçamento entre a realidade material do lugar, o pertencimento à terra e a sua

³ Para Jeff Malpas o mundo e as coisas que lhe circundam formam um “aqui topológico”, isto é, por trazer a experiência concreta da existência haveria, através dos artefatos criados pelo ser humano, a criação particular de um significado. Cf. Jeff Malpas. *Heidegger's topology: being, place, world*. Cambridge: MIT Press, 2006, p.55.

reversão em uma expressão poética. Esta trama está presente nos sertões, onde a relação com a paisagem torna-se determinante para se compreender os liames entre o ser humano, a terra e sua arquitetura. No texto de Euclides da Cunha, entre a história e a ficção, é possível ter uma leitura da expressão poética do habitar nos sertões:

Deste modo se tem em cada passo, em todos os pontos, um lineamento incisivo de rudeza extrema. Atenuando-o em parte, deparam-se várzeas deprimidas, sedes de antigos lagos, extintos agora em ipueiras apauladas, que demarcam os pousos dos vaqueiros. (CUNHA, 2009, p.89)

Na morada dos vaqueiros a paisagem traz os significados de se habitar o espaço seco. A esterilidade dos sertões sofre as intermitências de uma região pantanosa que parece propiciar uma outra medida de abrigar a partir de formas provisórias de existência. Os pousos dos vaqueiros têm, sem dúvida, a fisionomia de uma arquitetura vernacular que dialoga com a paisagem dos sertões. O lugar aqui tem um sentido de constituição de mundo, pois a leitura dos arredores físicos enlaça a formação do espaço da existência. O entendimento da relação entre ser humano, lugar e arquitetura estabelece, nos sertões, uma imagem de mundo como condição imprescindível para a interpretação das formas de habitar. O mundo, segundo Benedito Nunes, é assim analisado pela fenomenologia: “É o que está aí adiante: não apenas as coisas e objetos em torno de mim, mas também o campo potencial de percepções deslocando-se de objeto a objeto, de coisa a coisa” (NUNES, 2012, p.70).

A arquitetura vernacular se estabelece como imagem de mundo através da compreensão do sertanejo em face de sua terra. Na medida em que o lugar constitui um fundamento central para a interpretação da arquitetura vernacular, deve-se voltar ao espaço habitado pelo indivíduo do sertão, isto é, como o ser-no-mundo, alicerce da fenomenologia hermenêutica de Heidegger, implica um sentido de enraizamento do ser humano ao *topos* onde habita.⁴ Ao tomar o mundo como morada, o ser humano constrói um sertão-mundo, onde sua arquitetura exerce a função de apropriação da natureza, em outras palavras, o sertanejo constrói sua morada a partir de uma terra que, antes, pertence ao mundo.

HABITAR O ABERTO

A arquitetura vernacular, pensada sob o prisma da fenomenologia hermenêutica, revela o sentido de unidade presente no espaço vivido. Seguindo a ideia de um conhecimento do verdadeiro começo, voltada às origens e as raízes de um saber-fazer, parece haver uma região de confluência entre a fenomenologia hermenêutica e as formas poéticas da arquitetura vernacular. É o que Edmund Husserl nomeou como um “retorno às coisas”, um lugar onde não temos a vivência analítica do mundo que nos cerca, mas

⁴ O conceito de ser-no-mundo refere-se ao desvelamento do ser no interior do mundo, formando um vínculo inquebrável entre o ser humano e o mundo que ampara sua morada. Cf. Benedito Nunes. *Passagem para o poético: Filosofia e Poesia em Heidegger*. São Paulo: Loyola, 2012, p.73.

podemos habitá-lo a partir da experiência sensível.⁵ É o que ocorre na vivência da arquitetura vernacular dos sertões, onde as construções não se resumem a impressões cromáticas, todavia cria-se a percepção de uma residência poética colhida a partir da presença da sombra na luz, das pinturas a cal que trazem o jogo entre luz e obscuridade, surgindo, através do corpo, a percepção de uma cor.

A construção de um espaço vivido através da arquitetura vernacular está estruturada a partir de uma fenomenologia da percepção, conforme propõe Merleau-Ponty.⁶ Trata-se de pensar um retorno às coisas como um retorno às origens. De forma análoga, pensando uma hermenêutica do *topos* vernacular, temos a concretização de um retorno ao lugar como pertencimento a uma morada. Nesta cena, a interpretação do lugar-sertão volta-se a uma arquitetura permeada pela lida cotidiana e os fenômenos concretos, sustentando a relação entre a paisagem, a técnica e o potencial simbólico inerente a sua linguagem. O habitar nos sertões, por isso, tem um sentido de reunião, de “estar junto às coisas”, ou pensando com Heidegger, tem um caráter de aproximação entre trabalho de mãos, trabalho de pensamento.⁷

Mas é preciso refletir sobre o sentido de uma reunião capaz integrar a paisagem dos sertões em torno dos artefatos que constituem a morada do indivíduo rústico. Pensar uma reunião integradora, tal como uma ponte, seria o fator de construção do lugar. O lugar, por sua vez, sendo o chão da arquitetura vernacular, propicia a construção de uma espacialidade. O espaço passa a ser percebido como uma arrumação, um lugar demarcado, assim compreendido por Heidegger:

Espaço é algo espaçado, arrumado, liberado, num limite (...). O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência. (...) Espaço é, essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite. (HEIDEGGER, 2012, p.134)

⁵ Edmund Husserl situa o “retorno às coisas” a partir do conhecimento fenomenológico tomado como um conhecimento das essências. A partir daí Husserl aponta para a fenomenologia como uma “ciência dos fenômenos puros”. Cf. Edmund Husserl. *A Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2018, p.62-71.

⁶ Merleau-Ponty constrói a sua fenomenologia da percepção a partir da reposição das essências na existência, isto é, a compreensão do ser humano e do mundo exige um juízo de facticidade, onde seria preciso “reencontrar este contato ingênuo com o mundo”. Cf. Maurice Merleau-Ponty. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p.1.

⁷ No ensaio “A Coisa” Heidegger escreve um posfácio a um jovem estudante sobre o pensamento do ser, acenando que o pensamento é um caminho, correndo o risco de desencaminhar-se. Por meio de uma construção topológica tais caminhos precisariam ser exercitados, pois vigora “nesse estar errante a caminho, o trabalho do pensamento, um trabalho de mãos”. Cf. Martin Heidegger. *A Coisa*. In: *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.161-164.

Apenas se torna visível um limite a partir do diálogo entre lugar e paisagem, na medida em que os arredores de um espaço habitado torna-se cercado e passa a construir uma fronteira. A arquitetura vernacular dos sertões não se submete a uma interpretação do espaço inferido como medida cartográfica, justamente porque tem no paradigma da fronteira o seu fundamento de existência. Uma hermenêutica do lugar nos sertões deve apontar, em primeiro plano, para as fronteiras da paisagem, demarcações de uma forma de habitar o aberto, que desvelam o solo, o horizonte e o céu. Deste ponto de vista a arquitetura dos sertões se apresenta como um espelhamento da paisagem, isto é, a arquitetura adquire a forma de alegoria ao refletir sua paisagem circundante.

As fronteiras da paisagem, formadas por solo, horizonte e céu, são espelhadas pelas fronteiras do lugar construído, trazendo daí os limites entre chão, parede e teto. Na leitura de uma casa sertaneja deve-se tomar como primeira medida de interpretação do lugar uma análise das fronteiras na articulação formal dos espaços. É preciso retornar à paisagem para compreender a constituição material e formal do lugar, perguntando como é o solo onde o indivíduo dos sertões caminha? Como é o céu sobre suas cabeças? Como são os horizontes que lhe guiam? A partir da leitura da paisagem torna-se possível uma interpretação da casa sertaneja, onde as construções adquirem um caráter de família, reportando a um sentido de lugar através de motivos característicos.

As fronteiras dos sertões, por outro lado, também aludem ao imaginário do aberto. A poética do aberto atravessa a arquitetura dos sertões, ao mesmo tempo em que faz a demarcação de limites na paisagem habitada. Trata-se aqui de um enigma da paisagem sertaneja, isto é, impõe-se como uma topologia da vastidão, insubmissa ao espaço lógico-matemático e marcado pela desmedida. Entre limites simbólicos, fundados sobre um solo fenomenológico, a poética do aberto sublima fronteiras geográficas. Na prosa poética de Guimarães Rosa o imaginário do aberto assim se desvela: “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (ROSA, 2001, p.24).

A travessia do sertão rosiano dá a medida poética do aberto como um modo de habitar uma extensão ilimitada, um lugar que “carece de fechos”, onde pode-se caminhar rumo aos confins sem ser encontrada uma única morada. Todavia é essa relação com a vastidão ilimitada o traço que diferencia o habitar nos sertões. O indivíduo rústico constrói sua morada a partir de uma relação amistosa que se estabelece com a paisagem do sertão, em outros termos, o aberto é o fator de identificação de uma casa em meio ao insulamento dos sertões gerais. A relação entre uma determinada construção e o aberto não se limita apenas a circunstâncias ambientais de um local, pois o lugar construído, na relação com o aberto, torna-se portador de um significado.

O que está em questão na construção de um lugar é a criação de vínculos de pertencimento a partir de um sentido forte de identidade que se estabelece entre a arquitetura, o ser humano e a paisagem. Trata-se de uma relação afetiva com o *topos*,

capaz de criar uma expressão de “ser do lugar”. Para que se estabeleça uma perspectiva de identidade é preciso conhecer a estrutura espacial do lugar, isto é, conhecer a paisagem e a região circundante, e ter, do ponto de vista subjetivo, o sentido de um “sentir-se em casa”. A arquitetura sertaneja concretiza sua identidade através do entendimento de sua estrutura espacial em relação aos significados que se produz coletivamente. Um conjunto de casas, uma venda e uma igreja formam um pequeno assentamento que trazem a correspondência entre a paisagem e a arquitetura, um lugar de troca entre o corpo e a dimensão inteligível.

A arquitetura dos sertões constrói seu caráter a partir de uma relação de pertencimento à paisagem infinita que lhe circunda. Ao construir sua casa, o indivíduo do sertão se depara com o espaço seco e a luz da caatinga, observa os caminhos que rodeiam sua habitação enquanto escuta os sons dos pássaros que habitam os gerais. A partir da construção de uma casa, dentro de uma vizinhança que compõe um assentamento vernacular, o indivíduo do sertão cria seu abrigo contra as ameaças da natureza. A correspondência entre o “mundo exterior” e o “mundo interior” confirma os significados da residência poética presente nos sertões.

A compreensão da identidade de um lugar exige uma permanente definição de suas fronteiras. Ainda que nos sertões a formação dos limites esteja guiada pela linguagem do aberto, as fronteiras exercem, na paisagem, uma função vital para demarcação do seu espaço existencial. Um belo exemplo é o rio São Francisco e seus afluentes, onde a arquitetura ribeirinha convive com os ciclos de chuva e estiagem, fazendo das margens uma topologia de orientação para construção de cidades e povoados rurais. O rio São Francisco desenha o espaço do símbolo como o caminho da civilização brasileira, na mesma medida em que estabelece uma fratura diante dos sertões.

O povoamento nômade, seguindo o curso do rio São Francisco, abre-se a uma nova forma de olhar para a arquitetura dos sertões. Por outro lado, a expressão de “ter lugar” não implica que os modos de habitar estejam limitados a uma dimensão local, isto é, a narrativa da arquitetura dos sertões retrata uma “paisagem do mundo”, capaz de expressar de forma inequívoca uma vereda para as interpretações do Brasil. Os mínimos vitais de abrigo do indivíduo rústico consolidaram os artefatos e as técnicas construtivas, forjando uma cultura material fortemente representativa da paisagem cultural brasileira. Tal expressão adquire um aspecto icônico na imagem da casa do sertão, onde o caráter de um rancho ou um pouso, construído com paredes barreadas de pau-a-pique, repousa suavemente sobre o solo, com uma feição ao mesmo tempo efêmera, aludindo ao ser humano que caminha, mas também com um sentido de adaptação ao lugar, dialogando com a região circundante.

A região e seus arredores propiciam uma interpretação da arquitetura do lugar. A região atribui um significado à arquitetura através de uma coerente colocação de lugares, ou seja, é reconhecida como uma parte identificável da terra, desenhando uma fronteira

mais permeável. Para compreender a relação entre a arquitetura sertaneja e os contornos que definem sua região é preciso regressar à relação entre região e lugar, tomando-os como conceitos interdependentes. A interpretação da arquitetura vernacular dos sertões ocorre a partir da leitura da região como um fenômeno de unidade, isto é, a região constrói os arredores da arquitetura sertaneja e apresenta uma mesma essência material.⁸ A região, orientada pelo aberto, forma-se a partir de uma trama de lugares, rodeando e resguardando uma morada.

A CONSTRUÇÃO DO LUGAR-MUNDO

A região que cerca a arquitetura dos sertões deixa ver a relação entre o aberto e suas fronteiras, diferenciando a ausência de um limite em face do espaço infinito. É no espaço da fronteira que ocorre a reunião de um lugar construído, não mais como uma forma de conciliar a região como espaço pré-estabelecido, ao contrário, ocorre a reunião de uma construção através da abertura para paisagem, estabelecendo a clareira entre terra e céu, onde a arquitetura recebe uma região-mundo. O significado dilatado de uma região que rodeia a arquitetura vernacular traz aqui uma imagem de mundo porque a criação do lugar pressupõe o embate entre terra e mundo, conforme argumenta Heidegger.⁹ A região-mundo torna-se aqui um referencial teórico para a arquitetura dos sertões, pois há uma espécie de unidade entre a região e o aberto, abarcando e cuidando da morada do indivíduo rústico.

Pensar a arquitetura dos sertões a partir de sua região-mundo exige um retorno às fontes, regressando à origem poética capaz de narrar as formas de habitar e construir. O caráter universal dos textos de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, lançando luz sobre um sertão-mundo, demonstra como na relação entre história e ficção se conduz uma forma de interpretação da experiência vernacular. No texto euclidiano, referindo-se a *Os Sertões* como uma obra inaugural do pensamento brasileiro, evidencia-se uma escrita ao mesmo tempo barroca e geométrica, conduzindo o leitor a percepção de uma paisagem sublime. Igualmente sublime é a paisagem de *Grande sertão: veredas*, onde Guimarães Rosa, escrevendo um romance de formação do país, deixa rastros de uma residência poética, local e universal, característica dos sertões gerais.

⁸ Segundo Edward Casey a ideia de região atravessa o conceito de lugar, formando uma circunscrição permeável, dotada de um mesmo caráter ou uma unidade material. Cf. Edward Casey. *Getting Back into Place: Toward a Renewed Understanding of the Place-World*. Studies in Continental Thought. Indiana: Indiana University Press, 2009, p.XXX-XXXI.

⁹ Heidegger fundamenta o embate entre terra e mundo como a origem do lugar: "Sobre a terra e nela o homem histórico fundamenta seu morar no mundo". Cf. Martin Heidegger. *A Origem da Obra de Arte*. São Paulo: Almedina; Edições 70, 2010, p.115.

No texto rosiano, apontado por Benedito Nunes como um “romance de espaço”¹⁰, o que prevalece é um olhar poético sobre o habitar, construindo a experiência sensível:

Casas – coisa humana. Em frente delas todas, o que estavam era queimando pilhas de bosta seca de vaca. O que subia, enchia, a fumaça acinzentada e esverdeada, no vagaroso. E a poeira que demos fez corpo com aquele fumegar levantante, tanto tapava, nos soturnos. Aí tossi, cuspi, no entrecho de minhas rezas. Voz nem choro não se ouviu, nem outro rumor nenhum, feito fosso decreto de todas as pessoas mortas, e até os cachorros, cada morador. (ROSA, 2001, p.408)

Entre o sagrado e o profano, Guimarães Rosa descreve a casa sertaneja como uma “coisa humana”. É fundamental observar aqui a experiência fenomenológica, trazendo para a hermenêutica do lugar um sopro existencialista. A criação poética do sertão rosiano enreda uma forma de olhar para a arquitetura vernacular que está presente, de modo muito próximo, na topologia de Martin Heidegger. Guimarães Rosa e Heidegger são filhos da chamada geração de 1945, época em que os textos do filósofo alemão sofrem uma nítida guinada para a construção do conceito de lugar, recebendo a menção de uma “topologia do ser”.¹¹ Para uma hermenêutica da arquitetura vernacular deve-se citar como um marco o ensaio “Construir, Habitar, Pensar”, publicado em 1951, onde Heidegger procura responder, a partir do conceito de lugar, “o que é habitar?” e “em que medida pertence ao habitar um construir?” (HEIDEGGER, 2012, p.125).

O que Heidegger procura é um sentido essencial do habitar, algo que somente seria possível a partir da construção do lugar. Trata-se de romper com a racionalidade técnica de meios e fins, onde seria necessário fundar o habitar como chão do construir: “construir não é apenas meio para habitar. Construir já é em si mesmo habitar” (HEIDEGGER, 2012, p.125). As formas de construir e habitar nos sertões deixam rastros de um modo de povoar a paisagem que são alusivas a desconstrução da racionalidade técnica. Nos sertões a técnica está enraizada à imagem de mundo que se forma a partir do lugar, o que implica que para além de uma região-mundo, as formas de construir e habitar tem sua linguagem enraizada a um “lugar-mundo”. Em outras palavras, se ser-no-lugar nada mais é do que uma particularização do ser-no-mundo, logo pode-se deduzir a existência de ser-no-lugar-mundo.

A leitura dos sertões a partir da imagem de um lugar-mundo exige uma interpretação da relação entre arquitetura e paisagem. A relação entre natureza e lugar construído aponta, primeiro, para as formas de ver a paisagem, isto é, o ser humano que ali habita visualiza a natureza e a partir dela constrói um caminho, uma ponte, uma casa etc. O

¹⁰ Benedito Nunes aponta que *Grande sertão: veredas* seria um “romance de espaço”, onde o sertão abarca um “lugar que abrange todos os lugares”. Cf. Benedito Nunes. *A viagem*. In: *A Rosa o que é de Rosa*. Difel: Rio de Janeiro, 2013, p.79.

¹¹ A topologia do ser é uma expressão cunhada por Heidegger, em 1947, destinada a pensar a trama entre a questão do ser e o lugar. Cf. Lúcia Saramago. *A Topologia do Ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008, p.20.

segundo aspecto dessa relação refere-se ao modo como o sertanejo constrói um campo simbólico a partir de sua compreensão da natureza. Ao simbolizar o olhar ocorre a tradução de um significado antes experimentado, fazendo a natureza transformar-se em um objeto cultural. O último degrau na relação entre arquitetura e paisagem refere-se justamente à construção de um “lugar-mundo”, ou mais precisamente a imagem de um sertão-mundo, onde ocorre a reunião dos significados apreendidos pela experiência para que o indivíduo do sertão possa criar uma imagem de mundo, tornando sua morada um microcosmo. O sertão-mundo faz o entrelaçamento entre o campo simbólico e a vida material.

A imagem de um lugar-mundo, servindo como categoria analítica para pensar o sertão-mundo, retorna à Heidegger para interpretar a relação entre arquitetura vernacular e paisagem. Além do ensaio “Construir, Habitar, Pensar”, o segundo texto central para o entendimento dessa relação é o ensaio “... Poeticamente o homem habita ...”, também de 1951. É preciso questionar a recepção dos escritos de Heidegger no pensamento da arquitetura vernacular, verificando em que medida a reflexão sobre o habitar ecoa para uma nova forma nas relações entre natureza e lugar construído, ou nas aproximações entre paisagem e técnica. Na recepção teórica da arquitetura do lugar, pensada a partir de Heidegger, o conceito de fronteira é determinante para se estabelecer um recinto familiar, opondo-se ao espaço cartesiano, anônimo e indiferenciado.

Pensar a arquitetura dos sertões a partir desse referencial teórico-metodológico demanda uma interpretação dos vínculos entre lugar e paisagem. A natureza, o pertencimento e a presença do sagrado são rastros da arquitetura sertaneja que permeiam a paisagem, enveredando pelo trançado entre matéria e símbolo. O sentido de “estar rodeado” é próprio de uma paisagem rural, como ocorre nos sertões, todavia deve-se ter em mente que um caminho, um rio ou uma montanha não são formas cenográficas locais, ao contrário, integram uma forma de pensar a paisagem, ou nos termos de Michel Collot, formam um “pensamento-paisagem”.¹² Entre o horizonte e a região, abre-se para o ser humano que caminha pelos gerais um lugar capaz de abrigar a vastidão.

A fenomenologia do pensamento-paisagem constitui um meio de abertura ao espaço vivido, onde a arquitetura vernacular torna-se uma expressão das formas de habitar e construir, acenando para a formação de um imaginário coletivo. É no encontro entre pensamento, espaço e linguagem que ocorre a criação de um ponto de vista, acolhendo a extensão de uma paisagem que se oferece ao olhar. Todavia é a partir da linguagem que se revela a trama de uma arquitetura vernacular, atravessando um país, uma região, uma paisagem, um assentamento ou uma construção. A percepção dessa travessia de

¹² Segundo Michel Collot a paisagem seria uma provocação ao pensar, e o pensamento se desdobraria como paisagem. Cf. Michel Collot. *Poética e Filosofia da Paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013, p.12.

escalas simbólicas ilumina a relação entre linguagem, paisagem e técnica, pois a constituição de uma “paisagem-país” reporta-se aos modos de construir do lugar.¹³ Ocorre um imbricamento entre técnica e lugar, pois o caráter de uma construção depende da formação material da paisagem.

Entre paisagem e técnica é preciso investigar o sentido de proximidade que vincula uma arquitetura vernacular e seu contexto. A arquitetura dos sertões, em seus textos poéticos ou documentais, aponta para uma forma de construir que se traduz ora em uma forma de cultivar, no sentido de *colere*, produzindo uma determinada cultura material, ora como uma expressão mais direta da técnica, com o sentido de edificar. Nota-se, entretanto, em ambos os casos que prevalece a ideia de um construir que pertence ao habitar. Em outros termos, o construir nos sertões significa um modo de ser em face do aberto, habitando a fissura finita entre terra e céu.

A derivação dessa abertura aponta a existência de uma orientação nos modos de construir da arquitetura sertaneja. Nos sertões a técnica torna-se um saber-fazer intrínseco ao lugar, por isso a arquitetura vincula-se de forma visceral à paisagem e torna-se capaz de expressar uma produção poética. O domínio da técnica vernacular, no contexto dos sertões, tem um caráter poético porque expressa o desvelamento criativo da verdade, isto é, o indivíduo dos sertões não opera apenas um modo de produzir, não está limitado ao ofício da técnica como um “fazer”. A expressão poética da técnica, para o indivíduo dos sertões, deriva de um “saber”, daí trabalhando os materiais disponíveis no lugar e construindo um vínculo telúrico com a paisagem.

13

À GUIA DE CONCLUSÃO

A expressão poética da arquitetura vernacular está fundamentada na trama entre lugar, linguagem e técnica. Pensar a arquitetura dos sertões implica, por isso, um trabalho de reconhecimento do caráter do lugar, isto é, compreender como a morada sertaneja é construída, exigindo um entendimento sobre a constituição material e formal dos lugares. A morada sertaneja resulta de um trançado entre poesia e técnica, mas a percepção da paisagem é o fator que explica o vínculo poético à terra, ou seja, é através da leitura de uma região-mundo que se tem os significados dos modos de construir locais. Entre a ficção e a história, os modos de habitar e construir nos sertões desenhavam um sertão-labirinto, evocando a imagem de uma casa que somente se revela a partir das veredas que lhe avizinham.

¹³ O significado da paisagem, originado a partir da sufixação da palavra “país”, explica os sentidos de uma “paisagem-país”, sendo designada como “a extensão de uma região que o olho pode abarcar em seu conjunto”. Cf. Michel Collot. *Poética e Filosofia da Paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013, p.49.

É pela imagem do labirinto que torna-se nítida a presença de uma paisagem habitada, onde a terra torna-se vizinha do indivíduo rústico, acolhendo a inconstância do infinito no finito. A paisagem habitada nada mais é do que uma paisagem conhecida, oferecendo uma face material ao lugar que, ao ser trazida para perto do indivíduo rústico, através de construções, torna-se uma paisagem desvelada, iluminando a face inaparente e a verdade do lugar. Esta é a linguagem dos sertões, onde a relação entre a figura contida diante de um fundo vasto, orientando a arquitetura, estabelece o diálogo entre assentamento e paisagem.

Todavia o que se passa nos sertões é um sentido ambíguo de proximidade à terra, a tal ponto que a construção de uma morada expressa um duplo nas formas de habitar. Se há uma morada que marca a construção de um centro, cujo significado é o enraizamento do ser humano ao lugar-sertão, por outro lado, prevalece um habitar nômade, residindo junto à soleira da porta, no espaço das fronteiras e das encruzilhadas. A casa do sertão comunica-se com a paisagem com um gesto que é, ao mesmo tempo, indicativo da permanência e do caminho, construindo o lugar na mesma medida em que habita as veredas.

Ao partir de sua casa rumo às veredas o indivíduo do sertão torna-se um *homo viator*. Se por um lado conhece a paisagem dos gerais, por outra via, ao fazer a travessia de sua boiada depara-se com sendas ocultas, tocaias, tem-se a percepção de que é lançado para fora de suas fronteiras, em face do outro passa a habitar uma terra estrangeira. O caráter simbólico da arquitetura sertaneja é profundamente marcado por um sentido de alteridade, onde o espaço estrangeiro apontaria um afastamento do entorno cotidiano, um registro não-familiar em suas paragens. O que se deve pensar do ponto de vista do estranhamento é o risco do exílio, a representação de uma arquitetura sem lugar, onde o domínio da temporalidade levaria a ausência de proximidade, isto é, habitar o caminho sendo destituído da percepção entre horizonte e imaginação.

O exílio conduz a uma nova forma de nomadismo, fruto da instabilidade dos processos de urbanização. Os que deixam sua terra partem rumo à cidade e às zonas pioneiras, sofrendo com a inconstância da nova moradia e o afastamento de seu mundo material e simbólico. Mas há uma ruptura decorrente do estranhamento que atinge uma crise de proximidade, fazendo com que a arquitetura sertaneja, na trama do processo de urbanização, perca o seu sentido de lugar. Para os que permanecem no sertão ocorre uma passagem dialógica, onde o avanço da urbanização determina a imposição de uma nova cultura material, novos utensílios e a desfiguração da relação entre arquitetura e paisagem. Nesta cena o processo de modernização determina a formação das estruturas de racionalização tecnológica, produzindo a ruptura entre paisagem e técnica. O indivíduo do sertão, diante de uma arquitetura sem lugar, se vê submetido ao desterro, destituído de seus modos de habitar e construir, está abandonado ao desencantamento da técnica.

REFERÊNCIAS

- CASEY, Edward. **Getting Back into Place:** Toward a Renewed Understanding of the Place-World. Studies in Continental Thought. Indiana: Indiana University Press, 2009.
- COLLOT, Michel. **Poética e Filosofia da Paisagem.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões:** campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte.** São Paulo: Almedina; Edições 70, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. A Coisa. In: **Ensaaios e conferências.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.143-164.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: **Ensaaios e conferências.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.125-141.
- HEIDEGGER, Martin. "...Poeticamente o homem habita...". In: **Ensaaios e conferências.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.165-181.
- HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 2018.
- MALPAS, Jeff. **Heidegger's topology:** being, place, world. Cambridge: MIT Press, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac & Naify, 2013, p.443-460.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o poético:** Filosofia e Poesia em Heidegger. São Paulo: Loyola, 2012.
- NUNES, Benedito. A viagem. In: **A Rosa o que é de Rosa.** Rio de Janeiro: Difel, 2013, p.78-86.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SARAMAGO, Lígia. **A Topologia do Ser:** lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.